



UM WHATS, UM EDITAL E ALGUMAS VIVÊNCIAS EM ÉPOCAS DE ISOLAMENTO

A whatsapp, a notice and some experiences in times of isolation

Mari Cristina de Freitas Fagundes
Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba.
Email: maricris.ff@hotmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 426-432, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

O texto busca refletir sobre vivências em tempos de pandemia. O cotidiano e suas complexidades, as mudanças conjunturais, seus impactos, nossas resistências. Para a tessitura dessa reflexão, em forma de conto, trago algumas músicas para pensar a potência da arte na construção de nossas subjetividades.

PALAVRAS-CHAVE:

Pandemia. Cotidiano. Arte. Resistências.

ABSTRACT:

The text seeks to reflect on experiences in times of pandemic. The daily life and its complexities, the cyclical changes, their impacts, our resistance. For the weaving of this reflection, in the form of a short story, I introduce some songs to think about the power of art in the construction of our subjectivities.

KEYWORDS:

Pandemic. Everyday. Art. Resistances.



Era sábado. Tinha um bem-te-vi cantando, uma buzina insistente e alguém que escutava alguma coisa nas redondezas em uma frequência que tornava incapaz distinguir do que se tratava. Era um ruído. Um ruído que se juntava ao bem-te-vi, à buzina e aos outros sons que passavam na alameda próxima. Eu não conseguia ler. Os sons têm se tornado mais frequentes. Já teve segundas e domingos e quartas que não se ouvia nada.

A Matos Cardoso estava vazia. Sem coletivos circulando. Tinha menos mortes naqueles dias e mais medo. Hoje se inverteu. Mais mortes, mas e daí? E daí que novas coisas estejam sendo construídas nos arredores das cidades? E daí que os Estados estejam decretando *lockdown*? Decretando o que? Fechamento, fechamento de tudo. Tem *live* e tudo sobre isso. Mas *live* tem sobre tudo. “Apagaram-se as luzes/É o futuro que parte”.

É segunda. “Eu quero ser pra você a alegria de uma chegada, clarão trazendo o dia, iluminando a sacada”, tocava na casa ao lado. Pensei se aquela escuta era sobre esperanças na quarentena. Nada mais sensível que contar com os clarões de um solzinho de inverno para mandar um “xêro” àquelas e aqueles que estão no outro lado do país. Mas depois tocaram outros sertanejos e percebi que a ideia de clarão e calor do sol era um desejo meu. Daqui onde a chuva se intensificou pra lá, onde o frio chegou e o sol tá bom para “lagartear”, comendo uma bergamota.

Ao fim e ao cabo, mais uma chamada de vídeo, sobre afetos, mudanças: tu vais ficar aí, não dá pra fazer a pesquisa à distância?, mas é perigoso, mãe, os aeroportos, eu ser uma agente passiva do vírus... Tem a vó.

Mais uma chamada: era a qualificação de doutorado. Já era quinta. O computador travou, a rede caiu, a metodologia mudou. Como fazer etnografia?, os questionários serão respondidos?, entrevistas com máscara ou com uma distância recomendável?, eles são policiais, estão sempre na rua, tem o teu risco. Fui aprovada. Tenho dez meses para defender. E o desemprego? O de ontem e o de hoje e o de amanhã? Mas dá para usar o auxílio-emergencial para comprar o que quiser!, eletrodomésticos, celular, eles disseram na *live*. Mas e a fome, os enterros, o esgoto a céu aberto? Estão “em análise”. “Menina amanhã de manhã/quando a gente acordar/Quero te dizer/ Que a felicidade/ Vai/Desabar sobre os homens/Vai/Desabar sobre os homens³”.

Entre um desabar e outro, nessa sexta, mais um ministro da saúde. Os cheiros, temperos, sons se multiplicaram. Há mais pessoas em casa. Minha vizinha da frente foi

liberada do trabalho. Os patrões dela “são muito bons”, mantiveram o salário e aconselharam o isolamento total. Dez anos de prestação de serviços a essa família. Criou os meninos. Vídeo no dia do aniversário de um deles. Chamadas, áudios. Ansiedades. Ano passado não lembraram do aniversário dela, mas ela é da família.

São dez anos. Alguns deles amanhecendo e dormindo no trabalho. A primeira a acordar e a última a dormir. Mais estimada que a mãe, por vezes. Dona Lia já morou em São Paulo. Deixou a casa dos pais na Bahia e foi pra lá. Foi babá. Minha irmã me batia, ela disse. Peguei minhas coisas e fui morar no serviço!

Uma realidade tão comum a muitas mulheres que saem de casa e passam a ter as casas dos patrões como sua. O quartinho, claro. Um lar que não é seu, embora ouçam que são da família, mesmo que seu aniversário não signifique muito, enquanto no dos patrões a comida seja especial... Ela sabe que será feijão verde com escondidinho no aniversário da patroa. De noite eles saem para jantar. Vão ao NAU, comer frutos do mar. É chique, sinalizou. No dela? Esquecimento. Mas até é bom, saiu mais cedo e foi na Feijoada do João: farofa, feijão preto, com tudo o que tem direito. E o preço eu posso pagar, né, Cecília.

Nessa terça mais um chamado no muro: dormi mal. É uma coisa... uma coisa que sufoca, dizia ela. Quero voltar ao trabalho, lá sempre tem muita coisa pra fazer. Aqui é um cubículo, termino tudo rapidinho. Lá não, o tanto que caminho no dia, dava pra ir daqui até a Bahia de pé. Ai, é uma ansiedade. Queria até que me mandassem umas roupas pra passar, mas não estão passando roupa nessa pandemia. Como será que estão se virando? Tá tudo parado, Cecília! Dá uma agonia. Já disse para o meu marido que nada de colocar o táxi na rua, não tem ninguém na rua. Tem que ficar em casa, a gente não sabe de onde vem quem entra no carro, a gente não sabe nada.

Vamos fazer uns exercícios físicos, dona Lia? Ajuda a passar a ansiedade. Vamos fazer uns bem agitados. Essa noite vou dormir num sono só.

Cecília, tu vê aqui o auxílio-emergencial pro José? Ele não sabe mexer nessas coisas. CPF, nome da mãe, José Santos. A minha mãe tinha o dos Santos. O meu é sem. Estão lindas as suas plantas, dona Lia. Já era quarta. Tinha sol, graças a deus. Dá pra secar tudo, até o pacote de farinha que eu molhei limpando, por causa do coronavírus. Ó Cecília, tem dias que parece que vou ficar louca! Solicitação feita. Todos os dias um pedido de acompanhamento do status. Nada ainda.



Dona Lia é a voz mais presente no meu processo de isolamento. Aqui, presencialmente, sou só eu e meu computador. Confesso que atualmente não mais só o meu silêncio e o barulho das teclas do computador. O isolamento fez emergir outros sons. Sons e cheiros dos domingos, agora são quase diários. O azul do mar só aparece nos #tbt.

A vida de pesquisadora faz com que a gente acostume com a solidão. Mas era uma solidão diferente. Uma solidão supervisionada por mim. Agora é essa solidão supervisionada até por helicóptero que passa pertinho de casa. Acauã ele se chama. A reportagem anunciava que a polícia estava trabalhando para a segurança, reforçando o isolamento. Daí um helicóptero. Estava no Instagram, como tudo está.

A solidão agora é acompanhada por outras solidões que nem eu, nem os outros desejamos, mas que esperamos que passe logo. Ou ao menos algumas e alguns de nós estimamos. Que a curva baixe. Que a economia volte. Que a Educação à Distância não cole. Que o *apartheid* não siga. Que Zumbi seja reconhecido como herói. Que o genocídio cesse. Que o sol volte. “Na hora ninguém escapa/Debaixo da cama/Ninguém se esconde/A felicidade vai/Desabar sobre os homens/Vai/Desabar sobre os homens⁴”.

Na quarta tem aula, online. A pós-graduação não para. Tem as bolsas, a necessidade de notas, as defesas e as qualificações. A gente tá adoecendo, pois é, tem o covid-19, e as notícias, e os números, a curva que não baixa, o jet-ski, as coletivas. O Guedes de máscara e meias, na coletiva nacional. O Moro caiu. Tem gente arrependida. As ruas estão mais cheias. A gente tem prazo e tem vida e não tem mais. Mas a gente precisa ser leve. Carregar menos mortes nas costas, disse a Regina. Tem *live*. Algumas todos os dias, outras, nos finais de semana. Algumas com grandes produções, outras só a artista e o celular.

A gente já fez *playlist* pelo *whats*. Já compartilhamos vídeos do Porta dos Fundos, do Deboche Astral, do Greg News, do Tempero Drag. Criamos canais para vídeo chamadas. Já tinha outros, mas a gente criou mais um. É um canal criado na quarentena. Tem uma coisa diferente, um nome, sei lá. Já compartilhamos esperanças e desesperanças. Pensamos possíveis metodologias para as novas e velhas pesquisas. Acreditamos que a bolsa tinha sido prorrogada. Não tinha. Mandamos resumos. Desafios no Facebook, no Instagram. Tem os *trends* do Twitter. Tem o Tik Tok. Tem muita coisa, muita morte. Tem cemitérios e valas sendo carregadas nas costas de um governo ge-



nocida. “A raiva dá pra parar/prá interromper/A fome não dá pra interromper/A raiva e a fome/é coisa dos home/A fome tem que ter raiva pra interromper/A raiva e a fome de interrompe/A fome e a raiva é coisa dos home/É coisa dos home⁵”

Dona Lia me chama no muro de novo, e de novo, e de novo. É um pedaço de bolo, uma marmita, um desabafo, uma espiada. Ela chama de novo. Na hora da escrita, na hora da ansiedade. Ela chama. Eu me irrita. Tem a escrita, tem a saudade, tem as ausências e a presença constante de quem passava o dia no trabalho e agora passa o dia em casa. Tem o som alto, desde sertanejo até canto gospel. Tem panelaço também. Já ouvi a pergunta: quem tu escolherias levar para uma ilha deserta. Nunca ninguém perguntou com quem eu gostaria de passar a quarentena. Eu fechei a porta. Com culpa, mas fechei. Não teve chamado no muro... até eu abrir a porta. “Roncou, roncou/Roncou de raiva a cuíca/roncou de fome⁶”

Domingo era dia de praia. Não é mais, mas é dia de *live* da Simone. Eu assisto sempre. Na minha adolescência, lembro de alguém dizer que ela tinha virado homem. Eu sentei na frente da TV, ansiosa pra ver ela, ver como ela tinha virado homem. Ela apareceu, tão linda, tão mulher, potente, de branco. Eu retruquei dizendo que ela não tinha virado homem. Silêncio total. Hoje a escuto devotamente, porque sei que não é preciso virar homem para amar uma mulher. “Pra começar/Quem vai colar/Os tais caquinhos/Do velho mundo?/Pátrias, famílias, religiões e preconceitos/Quebrou/Não tem mais jeito/ Agora descubra de verdade/o que você ama/Que tudo pode ser seu⁷”.

Disseram que só precisa “levar um coro” pra deixar de ser “gayzinho”. Mas hoje é segunda, é dia de recomeço, a gente precisa ser leve. Pra que lembrar de frases antigas nestes tempos de “pátria amada”? De ame-o ou deixe-o? De depredação das “instituições democráticas”? Por quê? “Será que eu falei o que ninguém ouvia/ Será que eu escutei o que ninguém dizia/Eu não vou me adaptar/me adaptar⁸”. Pois é, segundas também tem *lives*, *charges*, *trends*, grupos no *whats*, projetores em prédios, carreatas. Decretos, máscaras, protestos, recusas sobre testes de covid. Ida ao super, de máscara. Fotos. Cervejas e doces. Mortes, muitas mortes, mais de mil no dia.

A tese? Sim, tem a tese. Tem ela, os textos, as crises, os artigos, os prazos, os afetos. As confissões. A imaginação de como Foucault escreveria livros sobre a atuação do biopoder. Enquanto isso, Mbembe escreve sobre as políticas de inimizade e a gestão da



morte. Há muita morte. “Onde que eu fui parar/aonde é esse aqui/Não dá mais pra voltar/ porque eu fiquei tão longe, longe... Onde é esse lugar/Aonde está você/Não pega celular e a terra está tão longe, longe...”⁹. Há muita arte também, que nos mantém firmes nesse período, que nos mantém conectadas/os. Que nos potencializa. Porque arte é resistência, mas nem sempre é leve. É potência e solidão.

Em que mês estamos? Bom, isso não sei. Saber os dias já é um decreto de sanidade neste momento. Já têm postagens com hora, dia, mês e ano da foto. Vai ficar nos arquivos das mídias. Não precisa lembrar, portanto, é só acessar os dados móveis. Tá ali. A casa? Não está tão limpa quanto deveria. Tem bolo, mais do que tinha antes do isolamento. Os sentimentos? A terapia está sendo feita por Skype. Os relacionamentos? Virtuais... doídos, ardentes, queridos, cúmplices e, alguns, esquecidos.

Eu? Não sei. Estou neste texto com o que tenho e o que não tenho. Com minhas angústias e esperanças, esse mal derradeiro como dizia Nietzsche. O que mudou? Além de tudo, não sei. Agora? “Me ajude a carregar essa maleta/Onde eu guardo meu cansaço/E meu sonho mais bonito/E um livro de receitas naturais/E um terço pra um pai nosso/ Um pedaço de pão/E um lápis, um caderno/E a vida de meus filhos/Que é tudo que eu tenho/E que é tão meu/E que é tão seu também/É o bem que te confio/Caso esteja por vir”¹⁰.

MÚSICAS CITADAS

¹ Maria Bethânia. **Tua**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7hLhWQo8Bs>. Acesso em: maio de 2020;

² Paula Fernandes. **Pra você**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nuc1ZiHliaw>. Acesso em: maio de 2020;

³ Tom Zé. **Vai**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Dcu2XWTT18>. Acesso em: maio de 2020;

⁴ Idem;

⁵ Simone Bitencourt. **O ronco da cuíca**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YZO-5J8XalWk>. Acesso em: maio de 2020;

⁶ Idem;

⁷ Marina Lima. **Pra Começar**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UV_n-4Ug6wo; Acesso em: maio de 2020;

⁸ Nando Reis e Arnaldo Antunes. **Não vou me adaptar**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dSE4lq61-Zo>. Acesso em: maio de 2020;

⁹ Arnaldo Antunes. **Longe**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wriLojPGW4Y>. Acesso em: maio de 2020;

¹⁰ Luedji Luna. **Dentro ali**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uUppxwTlvRA>. Acesso em: maio de 2020;

Recebido em: 31/05/2020

Aceito para publicação em: 20/07/2020.

